

A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO ESPECÍFICO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

RICARDO LAGES RODRIGUES¹;
SUSANE BARRETO ANADON³

¹Universidade Federal de Pelotas – ricardolages9@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nai.ufpel.pedagogico@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A relação da pessoa com deficiência com o ensino superior possui um papel preponderante no que diz respeito a inclusão social no meio educacional. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, 10% da população possui algum tipo de deficiência, sendo que desse percentual 50% tem deficiência intelectual (HONORA & FRIZANCO, 2008).

Apesar da legislação brasileira e das políticas públicas em educação das últimas décadas terem apresentado evolução e criado condições para incluir estudantes com necessidades educacionais especiais na Universidade, o caso de alunos com deficiência intelectual, por exemplo, não se trata apenas de acessibilidade. A principal barreira que essas pessoas enfrentam ainda é o preconceito. Por isso, o mais importante ao para inclui-las de fato é nos determos na construção individual e coletiva de atitudes que venham a superar estes antigos preconceitos (VICELLI; PAGNO; MAZURECK, 2014). Neste sentido estaremos contribuindo para a superação da insegurança, da falta de aceitação e da recorrente timidez, sentimentos e emoções, por exemplo, que cumprem uma função fundamental nos seus desempenhos acadêmicos.

Como graduando do curso de Engenharia Eletrônica, minha função enquanto bolsista do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPel é direcionada a auxiliar estudantes com necessidades educacionais especiais em disciplinas de matemática e de física, principalmente nos conteúdos relacionados a cálculo.

A proposta é garantir aos acadêmicos suporte e acompanhamento nos estudos e nas aprendizagens para que eles possam superar as maiores dificuldades que possam encontrar no meio acadêmico. É parte fundamental estreitar a relação com os professores regentes das disciplinas, principalmente pelo fato de que “a formação de professores no magistério superior, para áreas que não são pedagógicas, geralmente, não conta com disciplinas que preparem para o ensino em seus currículos. Por isso, os professores desconhecem as questões relacionadas às necessidades educativas especiais (ROCHA; MIRANDA, 2009)”.

Atualmente realizo encontros para fins de tutorias com dois colegas de universidade que estudam em cursos diferentes, tanto as disciplinas estudadas quanto as dificuldades encontradas por eles se assemelham; portanto, me refiro a um plano singular de tutoria sendo aplicado a dois alunos distintos.

2. METODOLOGIA

O acompanhamento com ambos estudantes se dá em encontros semanais presenciais, onde estudamos juntos. Nestes estudos vamos planejando e traçando os objetivos do semestre letivo; revemos tudo o que eles aprendem em sala de aula, agregando referências bibliográficas para melhorar o entendimento do conteúdo, além de resolvermos listas de exercícios disponibilizadas pelo professor regente da disciplina.

Procuro o professor no início do semestre para entender o seu plano de

ensino e para que ele possa me fornecer os materiais didáticos que serão utilizados na disciplina, dessa forma consigo direcionar os estudos e tornar o processo de aprendizagem mais eficiente. Apesar de o professor receber instruções do NAI e dos próprios alunos com necessidades educacionais especiais, saliento a ele sua importância para estes acadêmicos durante o período de aula no decorrer dos semestres. Em algumas situações pude perceber que alguns docentes demonstram um pouco de medo para interagir e sanar dúvidas de acadêmicos e acadêmicas com deficiência, o que tem se feito relevante tornar o ambiente de sala de aula propício para que estes estudantes também venham a se sentir à vontade.

Nos meus encontros de tutorias com os estudantes procuro atingir dois objetivos principais em nossas relações:

1) Do âmbito social: criar um laço de cumplicidade e confiança para que o aluno se torne seguro com nossa relação; motivo-o a questionar, refletir, expor suas ideias, não ter vergonha de interagir. Procuro tornar natural todos os comportamentos que podem contribuir para seu crescimento pessoal e consequentemente acadêmico.

2) Do âmbito profissional: nos nossos estudos direcionados, é fundamental ser paciente e dar ao aluno total tranquilidade para ele se encontrar nos conteúdos estudados; sintetizar explicações; motivá-lo a refletir, imaginar, abstrair, encontrar outras vias de compreensão dos conteúdos já abordados em sala de aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acadêmico com deficiência em tutoria vem demonstrando avanços em diferentes aspectos propostos, considerado e respeitado seu ritmo e tempo.

Em decorrência de sua deficiência, a barreira pedagógica ainda persiste, pois o aluno encontra muitas dificuldades em questões elementares, tornando a compreensão específica ainda mais complicada. O acompanhamento de um profissional da pedagogia seria fundamental para os estudos das ciências exatas por parte da maioria dos estudantes, os com deficiência em especial.

Se sentir aceito no ambiente em que está inserido continua sendo um grande desafio a ser enfrentado pelo estudante com deficiência. Em situações onde está submetido à aprovação dos colegas e do professor, como apresentação de trabalhos e realização de avaliações, o aluno com deficiência ainda se sente muito pressionado, e isso acaba comprometendo seu desempenho escolar.

Apesar deste contexto, o estudante com deficiência vem demonstrando crescimento acadêmico, angariando mais confiança, enxergando seus problemas de forma mais natural e buscando enfrenta-los com mais autonomia e protagonismo. Os bons resultados aparecem quando ele consegue resolver exercícios que outrora eram incompreensíveis. Docentes já relataram também que o aluno se sente mais concentrado e tranquilo em sala de aula.

O fator mais positivo se encontra na motivação: a cada tutoria, o aluno se sente mais inserido dentro do universo acadêmico, e consegue nutrir e demonstrar o desejo de seguir em frente.

4. CONCLUSÕES

Ainda que a inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior não tenha atingido o patamar ideal, o trabalho que o NAI de nossa universidade vem desenvolvendo tem cumprido um papel muito positivo e essencial para tal. Ao trabalhar com os acadêmicos com deficiência sobre suas potencialidades e capacidades, eles vêm conseguindo enfrentar suas limitações e seus desafios

cotidianamente. Como bolsistas-tutores do NAI temos a consciência de estarmos colaborando para seus avanços e superações, assim como vamos percebendo as contribuições destas atuações para nossas formações universitárias. A conscientização das demais pessoas ao nosso entorno também vai ocorrendo, paulatinamente.

“É o reconhecimento das desigualdades que nos constroem enquanto humanos e sociais, através da valorização das diferenças que dão sentido à complexidade dinâmica do ser humano(PIRES, 2006)”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTOLAN, A.M.; PARRA, L. Os Desafios da Inclusão do Aluno com Deficiência Intelectual no Ensino Superior. **Cadernos da Escola de Educação e Humanidades**, Curitiba, v.12, n.1, p. 16 - 26.

ROCHA, T.; MIRANDA, T. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. **Educação Especial**, Santa Maria, v.22, n. 34, p.197-212, 2009.

VICELLI, M.; PAGNO, D.; MAZURECK, V. Inclusão de Estudantes com Deficiência Intelectual no Ensino Superior. In: **MOSTRA NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA INTERDISCIPLINAR**, 8., Santa Rosa do Sul, 2015.

PIRES, J. **Por uma ética de inclusão**. In: MARTINS, L. de A.R. et al. (Orgs). **Inclusão: Compartilhando Saberes**. Petrópolis: Vozes, 2006.